

## MEMÓRIA

### O DRAMA DO CÉSIO 137 - PARTE III

*Por Sérgio Ross, de Brasília*

No retorno aos hotéis, os jornalistas, já de madrugada, com remorso e a depressão tomando conta de todos, alguns notaram o ruído de um avião que levantava do Aeroporto Santa Genoveva. Era o Bandeirante que a FAB havia cedido na luta contra o Césio. Em operações sigilosa, levava para o Rio de Janeiro, um grupo de contaminados que estavam passando mal e com poucas chances de vida. O estado mais grave era o da menina, Leide da Neves, de seis anos. Eles seguiram para o hospital Marcílio Dias, da Marinha, dotado de um pavilhão de isolamento dos mais bem equipados do país e de uma Central de Medicina Nuclear. No vôo, foram acompanhados pelo médico Nelson Valverde, de Furnas, especialista no atendimento de pessoas acidentadas por radiação. Todos usavam roupas especiais, máscaras e uma espécie de luvas. A parte interna do avião tinha sido toda preparada para que a radiação não afetasse.

Despedidas dramáticas, dor e choro dos parentes. Enquanto isso num ritmo frenético, técnicos limpavam a área, reunindo o lixo atômico que mais tarde teria algum destino que já estava sendo delineado. Foi aí que surgiu mais um grande problema: como recolher, sem chegar perto, o tapete onde o aparelho do Césio 137, foi destruído? Como recolher o cachorro Sheik que, depois de longa agonia, morreu e estava lá como uma bomba? Estados Unidos e Rússia ofereceram seus robôs. Nada feito, pois eles não subiam degraus. O jeito foi colocar a criatividade brasileira a funcionar e criar uma peça metálica em Goiânia mesmo. Uma gigantesca pinça manual foi feita numa fábrica de persianas. Uma espécie de robô tupiniquim, que foi das peças mais importantes na retirada do lixo atômico.

Na época que não existia o celular, nem o laptop, tão pouco a internet. A dificuldade do trabalho era muito grande. Telefone, telex, fax e telefoto eram disputados quase a tapas. De um lado, editores cobrando mais matérias e mais detalhes. Do outro, os especialistas sobre o assunto explicando pouco para evitar pânico, mas insistindo nos cuidados para que ninguém, se aproximasse muito perto dos "contaminados", que estavam confinados em um estádio de futebol, onde foram instaladas barracas para alojamento. Uma espécie de campo de concentração que as pessoas só viam filmes, com doentes vestidos de branco. Quem precisava se aproximar deles, tinha que se submeter a medição do tal aparelho que marcava a intensidade da radioatividade. Grandes filas se formavam as imediações. Um número que só foi revelado no final da operação. Do dia 30 de setembro até 21 de dezembro, foram monitoradas e registradas 112.800 do público. Destas 249 identificadas com taxas de exposição indicativas de contaminação interna ou externa, de acordo com a CNEN.

O medo tomava conta das pessoas e todos os dias eram divulgados boletins, mapeando os locais atingidos e interditados, os suspeitos e os liberados. Algumas pessoas começaram a se mudar para outras cidades. O governo a cata de novos focos, colocou a disposição da população o telefone de número 191 para denúncias. Ninguém mais comentava sobre o Grande Premio Brasil de Motovelocidade, que fora realizado no dia 27 de setembro, pela primeira vez em Goiânia. A alegria cedeu lugar a dor, ao sofrimento e a expectativa dos momentos difíceis que estava chegando.

Um helicóptero da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, cedido a pedido do governador Henrique Santillo - o Carcará 1 - começou a fazer o rastreamento de Goiânia para verificar os níveis de radiação e a presença de novos focos. Pilotado pelos comandantes Torres e José Américo, levava a bordo o geólogo Paulo Barreto e o físico nuclear Evaldo Simões, ambos técnicos em medidas radiométricas. Com eles, três espectrômetros (que medem a radiação gama emitida pelo Césio 137), um computador para transmitir estas informações para o papel e detectores de radiação. Apenas um novo foco foi encontrado numa fábrica de papel. A coisa estava ficando mais séria do que se pensava. O alerta em cima dos jornalistas virava pressão: "Não cheguem perto e nem sonhem se aproximar dos doentes. É perigoso, pode dar câncer ou outras doenças" alertavam os



- A conta deve ter dados uns 11 reais cada um, mas quando eles pararam o carro na esquina por causa da sinaleira, me alcançaram uns 50,00 reais de hoje, recorda o garção. Eu queria trazer eles de volta pro Barranco pra eles pagarem lá a conta, mas eles nem o troco quiserem. E se mandaram. De volta ao Barranco, Felipe foi advertido até pelos patrões de que não tinha que fazer aquilo, poderia ter se machucado.

Sentado em sua própria casa, como um síndico da Praça Antônio João, o ex-plantador de arroz, Felipe relembra esta e outras histórias do Barranco, da churrasceria que começou em 1969 e que hoje é um símbolo da gastronomia da capital.

Muitos dos garções que trabalharam lá no começo tem suas próprias casas, como ele que já foi dono da Moenda e de outras casas.

Um dos seus partners mais assíduos em lembrar estas histórias do Barranco antigo é outro garção de lá, churrasqueiro também, o Cesar Tasca, que hoje também tem sua casa, o Agápio Lanches, na José de Alencar.

## **Gente da Noite**

### **TUIM CONTRAATAÇA...**

Tuim, na ladeira, contraataca ao movimento do quiosque da rua da praia, do shopping rua da praia. e colocou um DECK em plena ladeira que nos fins de tarde tá sempre bombando. PRIVATIZARAM UM ESPAÇO PUBLICO...PODE? o MANOEL DO TUIM DEVE TER LICENÇA DA SMIC COM CERTEZA....

### **QUIOSQUE DA BRAHAMA, AGORA COM MUSICA AO VIVO...**

Flaviano Gastão Jr. e Luiz Fernando Pilz que abriram o quiosque da Brahma no subsolo do shopping Rua da Praia tão gostando do movimento até aqui....

E mandam dizer a este besta aqui que de terça e de quinta das 7 as 9 da noite, tem musica ao vivo no local....

dia 02/02/2011, cliente da tele, do agápio lanches, botou a boca no trombone pela má qualidade um lanche. Não quis nem trocar....- Chapista da noite não está aí? quis saber

dia 08.12.2010, familiares do médico Belmar Andrade almoçaram no Barranco e deu diarreia geral...é que tava muito calor..

.  
\*Xixi coletivo que Cesar Tasca deu nos empregados(era um churrasco de fim de ano) provocou uma baixa...faxineira vazou....diz o garção Daniel, que a ex-colega tá correndo até agora. - Os outros conhecem o Tasca, ela não...

XUXA, que canta na noite, não tem pintado no pedaço do bar Metropolis, na Pr. João Antônio...o que será que houve?

### *continuação da capa...*

mais preocupados. Um alerta que não fazia eco no meio daqueles que amavam a profissão e que estavam ali para fazer notícia, saber da verdade. Os que se impressionavam iam embora ou pediam para serem substituídos.

Com o aumento das notícias na televisão, as famílias também faziam a sua parte. A repórter da Rede Globo, Ilze Scamparini, que lá estava, tentou entrevistar uma repórter, sobre a história de que teria ouvido em relação ao pedido da família dela, para que registrasse em cartório o fato de que , só estava ali, correndo perigo, por imposição da empresa em que trabalhava. Uma espécie de garantia para o futuro. A sugestão da família realmente houve, mas a repórter se negou a fazê-lo, pois sabia que o perigo também era parte de sua profissão. Uma noite, um pequeno grupo de profissionais da imprensa brasileiros e estrangeiros, e algumas pessoas que estavam fazendo trabalhos em Goiânia, na maior descrição, tiveram uma atitude irresponsável, mas logo depois, perdoados pelos colegas - porque sabiam que era resultado do estresse, da tensão, do medo de usar papel para escrever ( e precisando fazê-lo). Temia-se até o papel higiênico, que poderia ter vindo da nova área detectada pelo helicóptero.

A festa intitulada “Noite do Brilho” - por causa da luz azul - realizada numa boite da periferia, contou até com a presença de algumas profissionais do sexo.

Depois do embarque de cinco adultos e uma criança para o Hospital da Marinha, no Rio, e dos seis doentes que continuaram internados no Hospital do Inamps, em Goiânia, a situação começou a se complicar ainda mais. Numa operação vigiada pelo Serviço Nacional de Informação (SNI) para que não fosse vazada, mesmo o dinheiro era monitorado. É o que garante, anos depois e pela primeira vez, Cesar Luiz Vieira Ney, engenheiro químico, mestre em Engenharia Nuclear, que na época trabalhou no controle da área.

“A monitoração do dinheiro foi uma operação sigilosa, que eu mesmo fui encarregado de fazer, no Banco do Brasil de Goiânia, anápolis e Brasília. No fim do expediente, tendo como testemunhas o gerente e um dos funcionários, medimos a radiação das cédulas. Foram encontradas 30 notas contaminadas. Pela lei, elas não puderam ser juntadas ao lixo atômico. Foram guardadas num recipiente blindado. Só depois de sua desvalorização com a troca da moeda, enterradas com todo aquele material”.

**Parte I e II, acesse:[www.deolhoseouvidos.com.br](http://www.deolhoseouvidos.com.br)**

### **Dr. Belmar Andrade**

- Cardiologia Preventiva e Cardiologia do Esporte
- Avaliação para prática esportiva
- Eletrocardiograma e teste ergométrico

**Terças e Quintas à tarde**

Av. Praia de Belas, 2174 / 307 - Fone: (51)3907.4093

**[belmar.jose@terra.com.br](mailto:belmar.jose@terra.com.br)**

## Tragédia anunciada em Porto Alegre: uma barragem pode estourar!

Adeli Sell\*

Foto: Livia Stumpf/CMPA



Adeli Sell

A barragem está localizada entre Porto Alegre e Viamão, na ponta do parque Saint'Hilaire. Se estourar leva embora toda a Vila dos Herdeiros, na Lomba do Pinheiro. Com algumas enxurradas ali, já se foi um pontilhão e algumas casas. Os entulhos ainda estão lá jogados para comprovar. Fotos do passado e do presente não mentem.

Algumas famílias foram retiradas, estão recebendo aluguel social, na espera por poder ter sua casa em local seguro. Outras continuam lá, à mercê do perigo. Em dias de pouca chuva o córrego

não passa de um valão, mas ao receber chuvas torrenciais se torna violento e suas margens podem não segurar, não só a água, que virá cruel e furiosa, mas toneladas de aguapés e assemelhados.

Como em toda região em que o lixo ou não é retirado ou não tem educação ambiental, os espaços com sujeira, lixo e entulhos são enormes. Não bastasse esta situação, há plantas exóticas, como três eucaliptos que estão prestes a desabar e matar pessoas.

Ali moram seres humanos. Trabalhadores(as) que vivem o medo toda vez que uma nuvem escura aparece no céu. Sofrem não apenas com a possibilidade das catástrofes naturais. Vivem também outras tragédias, como a do mosquito da dengue, ratazanas, toda sorte de peçonhentos, além do fedor insuportável em dias de sol quente, como são os verões em Porto Alegre.

Ali moram seres humanos, como aquelas centenas de pessoas que morreram no Rio de Janeiro. Os que ali estão não moram nessas condições porque gostam de sofrer. São cidadãos vítimas da falta de governo. Nossos gestores públicos não tomam nenhuma atitude para transferi-los para um lugar seguro. São os governantes os maiores culpados por tudo isso.

A vila a que me refiro não é de agora. Existe há muitos anos. E o perigo também. Uma represa de 60 anos, localizada nas imediações, tomada de vegetação e toneladas de aguapés, com uma chuvarada poderá se romper e a tragédia, anunciada, ceifará vidas, como ocorreu recentemente na região serrana do Rio.

Este cenário pode ser evitado em Porto Alegre, com uma ação rápida, eficaz e ousada da Prefeitura. Minha parte está sendo feita, mobilizando o povo para mostrar tudo isso e falar com o senhor prefeito. Eu amo a minha vida como amo a de meus irmãos.



BILHETE METROPOLITANO

Falei e disse. E direi mais se for necessário!

\* Adeli Sell é vereador do PT / Porto Alegre

**ACESSE E DIVULGUE NOSSO SITE:**

**[www.deolhoseouvidos.com.br](http://www.deolhoseouvidos.com.br)**

**ANUNCIE NO FITNESS**

**3330.6803 OU e-mail [olidescanton@bol.com.br](mailto:olidescanton@bol.com.br)**